

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM QUESTÃO: DILEMAS DA VALORIZAÇÃO CULTURAL NOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

João Victor Falcão da Silva (1); Arthur Macedo Fernandes (1); Lucas Antônio Viana Botelho (4)

Universidade Federal de Pernambuco, jvfalcaoss@gmail.com (1)
Universidade Federal de Pernambuco, arthurmacedo3101@gmail.com (1)
Universidade Federal de Pernambuco, lucasviana.botelho@gmail.com (4)

Resumo: Quais as contribuições que a Educação Ambiental pode oferecer à valorização da diversidade cultural? O presente artigo é um esforço em delinear possibilidades, e também limites, dos subsídios que a Educação Ambiental pode oferecer aos contextos sociais que contam com peculiaridades políticas e culturais, de forma a empoderar coletividades e todo o arcabouço de saberes pertencentes a ela. Para que isso fosse possível, buscamos compreender o papel da Educação Ambiental no contexto global contemporâneo, caracterizado por intensas mudanças de diversas ordens, sejam elas econômicas, políticas, sociais e culturais, sendo esta última o foco da presente investigação. Ademais, os lócus de pesquisa escolhidos foram os Econúcleos recifenses, espaços onde são realizadas atividades de Educação Ambiental. Dessa forma, buscamos também uma aproximação com a realidade de aplicação da Educação Ambiental e suas implicações na valorização cultural. Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi reforçado o sentido de diálogo entre cultura e Educação Ambiental num movimento de constantes contribuições mediadas a partir tanto das práticas pedagógicas, quanto a partir da constituição de um espaço físico direcionado às atividades de Educação Ambiental.

Palavras-chave: educação ambiental, valorização cultural, Econúcleos.

Introdução

A Educação Ambiental, como campo interdisciplinar e transdisciplinar, abarca uma variedade de conhecimentos científicos objetivando processos de ensino-aprendizagem que confluem para uma melhor relação entre a sociedade e a natureza. Nesse sentido, está institucionalizada nos currículos escolares brasileiros de forma a dar base às reflexões sobre a cidadania e a importância da conscientização ambiental numa perspectiva sistemática (LOUREIRO, 2003).

Entretanto, limitar a Educação Ambiental aos muros da escola vai contra a sua própria essência de ser um campo do conhecimento voltado a construir percepções sobre as diferentes problemáticas ambientais existentes atualmente. Ao considerarmos essa questão, entramos numa dimensão abrangente de debate, pois a Educação Ambiental passa a lidar diretamente com a diversidade cultural inerente ao espaço geográfico.

Quais as contribuições que a Educação Ambiental pode oferecer a essa diversidade cultural? O presente artigo é um esforço em delinear possibilidades, e também limites, dos

subsídios que a Educação Ambiental pode oferecer a contextos sociais que contam com peculiaridades políticas e culturais, de forma a empoderar coletividades e todo o arcabouço de saberes pertencentes a ela. Para que isso fosse possível, buscamos compreender o papel da Educação Ambiental no contexto global contemporâneo, caracterizado por intensas mudanças de diversas ordens, sejam elas econômicas, políticas, sociais e culturais, sendo esta última o foco da presente investigação.

Ademais, os *lócus* de pesquisa escolhidos foram os Econúcleos recifenses, espaços onde são realizadas atividades de Educação Ambiental. Dessa forma, buscamos também uma aproximação com a realidade de aplicação da Educação Ambiental e suas implicações na valorização cultural.

Metodologia

Inicialmente foram realizados levantamentos bibliográficos visando a compreensão geral do contexto global de alterações na superfície terrestre. Optou-se pela abordagem geográfica através da utilização da obra de Santos (2014). Além disso, buscou-se aporte teórico em obras de autores como Loureiro (2003) e Nardy e Degaspery (2016), de forma a contemplar o debate sobre as funções sociais da Educação Ambiental frente a contextos de degradação e a inserção das questões culturais em seu desenvolvimento.

Por último, foram aplicadas entrevistas abertas com quatro educadores ambientais que atuam nos Econúcleos recifenses. As perguntas realizadas envolviam a discussão sobre a importância de se ter espaços voltados à realização de projetos de Educação Ambiental e suas relações com a construção de uma cidade sustentável. Dos resultados obtidos, elaboramos a categoria de análise “valorização cultural”, onde nos debruçaremos no presente trabalho.

Resultados e Discussão

Pensar a Educação Ambiental, hoje, significa associá-la à construção de uma cidadania que tenha por base uma consciência sistemática das conexões entre os elementos humanos e naturais ordenados no espaço geográfico. A urgência desta construção reside no contexto histórico atual caracterizado por perturbações que, segundo Santos (2014, p. 20), “decorre em grande parte dos extraordinários progressos no domínio das ciências e das técnicas.”

Ao justificar tal afirmação, o autor escreve que:

O fato de a tecnologia ter-se tornado um elemento exógeno para grande parte da humanidade – já assinalado por A. Herrera (*apud* C. Mender, 1977, p. 159) – acarreta consequências de enorme alcance, já que sua utilização universal, quase sempre sem relação com os recursos naturais e humanos locais, é causa de graves distorções. Ora. Tudo isso só foi possível porque o trabalho científico foi praticamente colocado a serviço da produção. (SANTOS, 2014, p. 21)

O que queremos destacar aqui, pertinente à discussão acerca do estágio atual da história, é a presença de instabilidades sociais e econômicas causadas pela utilização da ciência e da técnica de forma verticalizada, externa aos diferentes meios habitados que formam verdadeiros “mosaicos” culturais ao redor do planeta. A cultura desempenha papel fundamental dentro desse contexto por ser a expressão dos valores das sociedades e as instabilidades no presente texto referem-se, principalmente, à má utilização dos recursos naturais que afetam o equilíbrio ecológico e humano de determinado espaço. Buscando detalhar um pouco dessas instabilidades contemporâneas, Nardy e Degaspery (2016, p. 121), descrevem a seguinte situação:

O setor industrial, por sua vez, necessita de maiores investimentos em tecnologias verdes e sustentáveis, que otimizem o uso dos recursos e reduzam consideravelmente os impactos ambientais. Reduzir o consumo de energia e substituir os combustíveis fósseis – que representam 85% da matriz energética e 57% das emissões antrópicas de gases do efeito estufa – por fontes de energia 100% renováveis e limpas também são medidas essenciais para o enfrentamento da crise vigente (Johnson; Hållström, 2012).

Quando a cultura é afetada pela mencionada instabilidade, a estrutura de uma sociedade a qual pertence também o é. Nesse sentido, considerando o contexto de degradação e as necessidades de transformações técnicas descritas anteriormente, a Educação Ambiental surge como proposta de intervenção numa realidade que se revela cada vez mais politicamente frágil. Ao inseri-la como modalidade de prática social para a construção de estabilidades – ou o mais próximo em que se possa chegar – cabe destacar algumas de suas possibilidades.

Carvalho (2006) (*apud* NARDY; DEGASPERY, 2006, p. 122), discute as três dimensões que a Educação Ambiental deve alcançar. Entre elas, está a dimensão dos valores, posta como campo propício à discussão sobre novas propostas na resolução das perturbações mencionadas por Santos (2014), pois a perspectiva de padrões coletivos pode ser qualitativamente ampliada quando inserimos o conceito de cidadania planetária, que teve seu surgimento dentro das reflexões sobre os processos atuais de globalização. Segundo Loureiro (*apud* NARDY; DEGASPERY, 2016, p. 126) a cidadania planetária:

[...] expressa a inclusão de uma ética ecológica que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades, locais e globais, tendo como eixo principal o respeito à vida e a defesa do direito a ela em um planeta único.

Quando o autor fala sobre um planeta único, traz o caráter totalizante a dimensão do valorar. A compreensão de uma totalidade do planeta é o resultado da construção da consciência ecológica e sistematizadora dos elementos do espaço geográfico e pode ser entendida como um dos principais eixos enriquecedores no desenvolvimento do cidadão atual se considerarmos um dos caracteres perversos dos processos contemporâneos da globalização: a fragmentação do espaço geográfico, onde – num esquema simplista –, poucos territórios agem como determinantes na tomada das decisões políticas numa escala mundial, e outros territórios (a maioria, cabe destacar) são vistos como receptáculos dessas determinações. O que leva à outra dimensão da Educação Ambiental: a participação política, intimamente ligada ao campo valorativo, este surgindo como possibilidade de unificação.

O conflito entre determinações globais e necessidades locais trazem à tona a importância do pensar glocalmente e seus limites estão, de forma intrínseca, ligadas à cidadania planetária porque delimitam as possibilidades da participação política das sociedades, cabendo à Educação Ambiental ser a base necessária para a superação do obstáculo posto pela globalização (a fragmentação política, especificamente) à unificação do pensamento global de características ecológicas e responsáveis.

Ainda sobre a participação e o caráter ativo da Educação Ambiental, outro ponto deve ser colocado quando falamos do papel da EA na resolução dos desafios políticos do século XXI: a comunicação do seu projeto. Sobre isso, Loureiro (2003, p. 161) destaca que:

Essa abrangência de atuação exige interações constantes com ONGs ambientalistas, entidades científicas, de desenvolvimento e de comunidades de base, além de trabalhos em conjunto com universidades, órgãos oficiais de meio ambiente e organizações governamentais e não governamentais.

A comunicação envolve interações entre as mais diversas esferas da sociedade, podendo ser resumidas em duas: a sociedade civil e as instituições. O estabelecimento de contextos sociais (no espaço e no tempo) onde há uma efetiva comunicação leva, através da EA – com todas suas dimensões e dispositivos de conscientização – a uma importante construção da democracia no mundo atual. Dessa forma, o ensino acaba por desempenhar uma pedagogia do ambiente, que está ligado a uma nova pedagogia, que visa a concretude dos ensinamentos a partir da teoria e da prática, sendo essa última interligado ao ambiente e isso

provoca em ponderar seus diversos contextos. A partir dessa diversidade e da prática tem-se a aprendizagem (LEFF, 2009, p. 257). O autor completa a pedagogia do ambiente como:

É um projeto de revisão e reconstrução do mundo através de estratégias conceituais e políticas que partem de princípios e fundamentos de uma racionalidade ambiental que foram desterrados e marginalizados pelos paradigmas dominantes da ciência, como impurezas do conhecimento e externalidades do processo de desenvolvimento.

Em contrapartida, Leff (2009) traz como oposição a esse modelo científico, vinculado muito a ideia positivista, o método da complexidade. Formando o ser humano desde sua infância ao pensamento crítico e construtivo dentro de um contexto que o conhecimento se encontra demasiado fragmentado. A pedagogia da complexidade, como o autor diz, teria a função de “ ensinar a pensar a realidade socioambiental como um processo de construção social, a partir da integração de processos inter-relacionados e interdependentes, e não como fatos isolado, predeterminados e fixados pela história” (2009, p. 259).

Para traçar diretrizes para que a tríade participação/comunicação/democracia aconteça, o pensamento de Loureiro (2003, p. 79) é pertinente, pois propõe que:

A participação cidadã em ações que promovam a melhoria das condições de vida locais vai exigir a transformação individual – o indivíduo se descobre potente para agir – e a transformação coletiva – o grupo se fortalece com os avanços do processo e, ao se fortalecer, se emancipa.

Portanto, além da dualidade global/local, outra dualidade individual/coletivo surge no processo de construção da democracia a partir da Educação Ambiental. Dualidade esta que se traduz em transformação e emancipação. Entretanto, falar em unificação não deve induzir a pensar em homogeneização, cenário onde as diferenças culturais são anuladas em função de uma cultura global.

Debater as questões culturais em Educação Ambiental remete à noção de comunidade. Loureiro (2003, p. 90), a concebe como:

Territorialidades específicas ocupadas por grupos com identidade cultural, além das associações de moradores, as associações religiosas, filantrópicas, de expressão artística, ONGs, dentre outras manifestações coletivas que surgiram nas duas últimas décadas, cumprem função importante enquanto espaços pedagógicos. Tais formas de organização local sintetizam as representações sobre ambiente e problemas existentes para um determinado grupo social e são instâncias com forte atuação em bases territoriais definidas.

Portanto, não há como dissociar, dentro da perspectiva sobre a Educação Ambiental, cultura e espaço. Falar em território implica em trazer a política e as subjetividades coletivas ao cerne do debate. Em relação a pergunta feita na introdução do trabalho e que norteou a investigação, a citação acima redireciona o sentido das contribuições. Não é apenas a Educação Ambiental, com suas dimensões e mecanismos de atuação, que contribuiu em direção à valorização cultural.

A cultura estabelece um diálogo com a Educação Ambiental a partir do momento em que também contribui e transforma suas práticas pedagógicas, as realinhando aos contextos concretos de intervenção. Enrique Leff (2009) diz que a EA ultrapassa e questiona os modelos sociais e procura reerguer uma nova sociedade, voltada a democracia e ao ambientalismo. Sendo assim, surge a demanda de “rever criticamente o funcionamento dos sistemas educacionais, como também os métodos e práticas da pedagogia” (LEFF, p. 255).

Dentro desse movimento, emerge a importância e a necessidade de se ter espaços para que as atividades de Educação Ambiental ocorram. Os Econúcleos recifenses foram construídos nesse sentido. Sua estrutura física remete ao verde natural, pois um está localizado no Parque da Jaqueira e outro está no Jardim Botânico do Município. A experiência sensível através do contato com a natureza auxilia o desenvolvimento de aprendizagens significativas.

Em relação aos educadores ambientais entrevistados, todos possuem formação universitária: um em sociologia, duas em teatro e uma em dança. Conforme prosseguíamos com a aplicação dos questionários, ficou claro o esforço em articular aquilo que aprenderam na universidade às suas práticas pedagógicas nos Econúcleos; inclusive, são auxiliados por algumas formações específicas dentro da área de Educação Ambiental promovidas pela Secretaria de Meio Ambiente da prefeitura.

Quando questionados sobre as possíveis relações entre cultura e Educação Ambiental, todos reconheceram a importância desse vínculo. Ao mesmo tempo, reconheceram também as limitações em trazer a questão para dentro dos Econúcleos pelos seguintes fatores: a atuação dos educadores ambientais se configura numa escala micro espacial. Dessa forma, suas intervenções atingem as comunidades externas aos Econúcleos, mas não é o suficiente, já que a efetivação da Educação Ambiental perpassa por outros atores sociais, como os sujeitos e as instituições.

Por outro lado, a fala de uma das entrevistadas mostra uma questão que compromete a associação entre a cultura e a Educação Ambiental. Ela afirma que:

“a valorização cultural dentro das atividades do Econúcleo é tida também por ser um espaço de realizar pesquisa, sistematização, registro, documentação e difusão de saberes e práticas culturais através da educação ambiental.”

A Educação Ambiental é vista como suporte, meio para que determinada cultura adquira mais visibilidade. Não que isso não contribua na associação, mas o que propomos aqui é um verdadeiro diálogo entre os saberes, caracterizado pela transformação mútua. Esta não existente na concepção da entrevistada (ou apenas unilateral) a partir do momento em que a Educação Ambiental acaba por se configurar apenas como meio para divulgação.

As possibilidades de diálogo entre cultura e Educação Ambiental se expressam de forma mais fecunda em outro entrevistado. Ele afirma que:

“As comunidades de periferia têm essa preocupação muito grande de como vai ser tratada essa questão de horta e de com medicinal. Acho que dá pra gente tratar. A gente trata quando vem as escolas aqui, mas eu acho que é muito legal quando a gente vai lá, quando a gente vai pro meio deles, eu acho. Pra escola de periferia ou pra grupo de periferia é muito mais interessante, é uma dinâmica até melhor.”

A afirmação acima condiz com o diálogo entre saberes. Em meio a debates contemporâneos dentro da Educação Ambiental, onde a problemática de escala global/local se torna evidente, os debates globais acabam por adquirir preponderância midiática. Entretanto, falar em Educação Ambiental partido apenas de pressupostos globais é um risco que empobrece suas contribuições pedagógicas e de transformação social.

A cultura acaba por ser a expressão mais significativa dos contextos locais e o investimento em debates sobre tais problemáticas enriquece as abordagens da Educação Ambiental através de adaptações didáticas. O entrevistado continua:

“Não que o Econúcleo não ajude. Aqui já veio o pessoal da Ilha de Deus, é uma ilha em Recife, é ilha mesmo, ela praticamente é a moradia de pescadores que sobrevivem do mangue lá perto do shopping Rio Mar. Só se chegava nessa ilha através de uma “pontesinha” de madeira e hoje em dia fizeram uma ponte que só passa um carro. Ela já veio aqui e a gente tem que fazer uma ligação tipo, com o telhado e como isso vai influenciar ele, como isso vai atingir a comunidade pesqueira, como atinge... se tinha mais peixe ou menos peixe, qual tipo de peixe. A gente tem que tentar ligar. Agora lá, o trabalho feito lá é muito interessante, a prática no local.”

Nesse sentido, o reconhecimento da prática no local não anula as possibilidades de aprendizagens inerentes aos Econúcleos. É aqui que reside as principais contribuições que a Educação Ambiental pode oferecer à valorização cultural através da construção de espaços físicos voltados a ela (no caso citado pelo entrevistado, às questões relacionadas sobre o modo de sobrevivência adotado pelos pescadores da ilha). Assim, a Educação Ambiental não é vista como algo distante, nem como um conhecimento inútil à vida das comunidades. Muito pelo contrário, todo o processo analisado e interpretado no presente trabalho, envolvendo contextos globais de degradação, o caráter ativo da Educação Ambiental e a valorização cultural é transformado em um saber coerente com as necessidades concretas do lugar.

Conclusões

O presente trabalho propôs destacar questões relacionadas ao papel da Educação Ambiental na resolução dos principais desafios do século XXI, traduzidos pelo desenvolvimento das ciência e técnica e a consequente intensificação da intervenção antrópica no meio natural. A análise da época contemporânea com a ótica da globalização revela que tais desafios seguem tendências mundiais de determinações políticas predominantemente verticais. Nesse sentido, a Educação Ambiental emerge como paradigma de resistência horizontal às tendências fragmentadoras do mundo com seu projeto unificador das consciências das sociedades através da construção de uma cidadania planetária, caracterizada pelo compromisso com o meio e com o outro, e com a democracia.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foi reforçado o sentido de diálogo entre cultura e Educação Ambiental num movimento de constantes contribuições mediadas a partir tanto das práticas pedagógicas, quanto a partir da constituição de um espaço físico direcionado às atividades de Educação Ambiental.

Referências

LEFF, E. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder.** 7º Ed. Petrópolis-Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

LOUREIRO, S. (org.). **Cidadania e Meio ambiente.** Salvador: Centro de Recursos Ambientais, 2003.

NARDY, M.; DEGASPERI, T. Educação Ambiental e Cidadania: desafios para a construção do pensamento glocal. In: BONOTTO, D.; CARVALHO, M. (org.). **Educação Ambiental e Valores na Escola** [recurso eletrônico]. 1º Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6º Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.